

O ESPAÇO MILTONIANO: UM PRÁTICO-INERTE CENTRADO NA TÉCNICA

THE MILTONIAN SPACE: A PRACTICAL-INERT CENTERED IN TECHNIQUE

Suliman Sady de Souza

Doutorando em Geografia pela UFRN desde 2021, Mestre em Geografia pela UFPB (2020), Bacharel em Geografia pela UFPA (2014), Licenciado em Geografia pela UEPB (2000), Membro do Grupo de Pesquisa Gestar/UFPB e Tecnologista em Informações Geográficas e Estatísticas pelo IBGE (desde 2012)

E-mail: sulimansady@gmail.com

Francisco Fransualdo de Azevedo

Professor Associado do Departamento de Geografia da UFRN, Doutor em Geografia pela UFU, Mestre em Geografia pela UFS, Bacharel em Ciências Econômicas pela UERN, Licenciado em Geografia pela Faculdade Católica de Uberlândia, Pós-Doutor pela USP e UNESP, Professor Visitante Sênior da Universidade de Barcelona (2019-2020)-Bolsista do Programa de Internacionalização PRINT/CAPES/UFRN), Docente do PPGeo/UFRN e do PPGTUR/UFRN e Editor-Chefe da Revista Sociedade e Território. E-mail: ffazevedo@gmail.com

RESUMO

O texto em mãos caracteriza-se por apresentar o espaço geográfico enquanto conceito elementar da ciência geográfica; eis o lastro teórico que fundamenta toda a geografia. Ainda que corramos o risco de incorrermos em uma certa tautologia ou, ainda, de sermos acusados de panfleteiros,

Geografia: Publicações Avulsas. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v.5, n. 2, p. 81-102 jul./dez. 2023.

entendemos que um esforço de traçar um perfil do objeto de estudo da geografia sob a óptica do Professor Milton Santos se impunha diante da nossa sensação de falta de clareza que ocorre em torno do espaço geográfico enquanto pilar dos estudos geográficos. Reafirmá-lo como objeto da geografia é a nossa meta a ser alcançada porque consideramos que é preciso que cada geógrafo efetivamente se aproprie dele para poder adequadamente se posicionar, propondo soluções e interagindo multidisciplinarmente. Cada ramo do conhecimento científico deve ter consciência do seu papel na construção de uma sociedade alicerçada no senso de equilíbrio e de justiça e a geografia não pode fugir a essa regra. Para tanto, lançamos mão de uma pesquisa bibliográfica contemplando a maior parte das principais obras deste geógrafo brasileiro, bem como buscamos interagir com produções não somente de geógrafos, mas, também, de pensadores de outros ramos do conhecimento científico.

Palavras-chave: Espaço geográfico; Prático-inerte; Técnica; Tecnosfera; Psicosfera.

ABSTRACT

The text in hand is characterized by presenting geographic space as na elementar concepto f geographic sciece; this is the theorical ballast tha underlies all of geography. Even though we run the risk or incurring a certais tautology or even being accused of being pamphleteers, we understand that na effort to draw a profile oh the object of study of geography from the perspective of Milton Santos was imposed in the face o four feeling of lack of clarity that occurs Around geographic space as a pillar of geographic studies. Reaffirming it as an object of geography is our goal to be achieved because we consider that is necessary for each geogrpher to effectively take ownership of it in order to be able to adequately position themselves, proposing solutions and interacting multidisciplinarylly. Each Branch of scientific knowledge must be aware of its role in Building a Society based on a sense of balance and justice, and geography cannot escape this rule. To do so, we used a bibliographical research covering mosto f the main works of this Brazilian geographer, as well as seeking to Interact with the Productions not only of geographers, but also thinkers from other branches of scientific knowledge.

Keyword: Geographic space; Practical-inert; Technique; Technosphere; Psychosphere.

INTRODUÇÃO

A ciência geográfica conheceu um novo paradigma no início dos anos 1970 após a superação de axiomas da Geografia Clássica e da Geografia Teórica-Quantitativa, firmadas nos preceitos positivistas e na lógica matemática respectivamente. A obra de Yves Lacoste *A geografia — isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*, de 1976, demarca a ruptura dessa geografia pretérita e inaugura a Geografia Crítica.

Se Lacoste atribuiu destaque ao espaço na geografia a partir de preocupações geopolíticas, outros geógrafos que são contemporâneos ao francês pensaram com mais profundidade a importância desse objeto de estudo para a nossa ciência. Um desses geógrafos é Milton Santos, geógrafo brasileiro que, fundamentado por uma experiência de vida em um mundo capitalista marginal e por interlocuções com diversos estudiosos mundo afora, estabeleceu uma autêntica teoria espacial.

Com Milton Santos emergiu uma concepção de espaço que o eleva a um patamar jamais visto. Em constante diálogo com as obras dos mais diferentes pensadores ele debruçou-se sobre o que considera ser uma busca pela ontologia do espaço. Aqui está um geógrafo que a todo instante procurou fazer do espaço um trunfo para que seus pares dele se utilizem no esforço de compreender a realidade e a nós mesmos, seres humanos.

(RE)DESCOBRINDO O ESPAÇO MILTONIANO

Para Milton Santos o espaço geográfico assume a função de “instância social” e somente pode ser plenamente decifrável se observado enquanto totalidade; de outro modo, ele se distancia da tarefa de ser o objeto da geografia. Esses postulado refletem as duas premissas basilares de todo o pensamento miltoniano relativo ao conceito de espaço e jamais podem ser perdidas de vista por quem se dedica aos estudos geográficos,

independentemente se o pesquisador está mais afeito às preocupações de cunho urbano, agrário, regional, físico, político, cultural, econômico, etc.

Ao explicar o primeiro aspecto, o autor recorre a Sartre e sua ideia de “prático-inerte” haja vista ser essa uma característica inerente ao espaço. Para Sartre (2002), o prático-inerte corresponde ao constructo humano aprisionado em matéria congelada por força do trabalho humano, mas que, uma vez estando nesse estado físico, tal criação se volta contra o seu criador — o próprio homem. Ainda de acordo com Sartre, essa matéria:

Dito isto, Santos (2004b) não somente justifica o espaço como uma instância da sociedade como, ao mesmo tempo, descarta o discurso que relaciona o espaço ao enfoque unicamente econômico. Para ele, “as determinações sociais não podem ignorar as condições espaciais concretas preexistentes. Um modo de produção novo, ou um novo momento de um mesmo modo de produção, não pode fazer *tábula rasa* das condições espaciais preexistentes” (*Ibid*, p. 182).

Quanto à utilização da categoria totalidade, ela é fundamental para que deixemos de lado “posições metodológicas que fragmentam a realidade, e destarte conduz a uma análise do espaço segundo uma problemática que privilegia a totalidade espacial” (*Ibidem*, p. 238). Pelas palavras de Sartre (2002) e Santos (2004b) não há como tratar do ser humano sem considerá-lo espacialmente. Somos seres essencialmente espaciais, pois é nessa dimensão que nós nos realizamos individualmente e socialmente, de tal forma que não se pode falar do homem desconectado com o espaço que ele ocupa, se apropria, intervém e se molda. “Na verdade, o espaço dá conta da totalidade, impedindo que seja vista apenas de modo abstrato” (Santos, 2013, p. 157), não restando, com isso, a mínima contestação quanto à materialidade existencial do espaço geográfico. Onde existir a interferência do homem na Terra, seja ela qual for, haverá sempre que se falar em espaço geográfico.

Tanto a condição de instância social como o caráter de totalidade estão presentes, mesmo que implicitamente, no conceito de espaço apresentado por Milton Santos. Para esse geógrafo o espaço corresponde a “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (Santos, 2004a, p. 63). É através de suas ações que o homem encontra-se em constante relação com o meio no qual vive, cria e modifica objetos, daí a associação entre os subsistemas de objetos e ações. Juntos, os dois subsistemas formam o todo da existência humana e eis que são reveladores da totalidade. No caso da instância social, trata-se de um pilar constituinte do cotidiano humano, assim como o são a base econômica, as ordens política e jurídica e as superestruturas ideológicas que orientam a trajetória humana da atualidade.

Uma vez conhecido o conceito miltoniano sobre o espaço geográfico, é preciso ir mais além. Procuraremos aqui decompô-lo um pouco mais para que dele possamos efetivamente nos apropriar e seguirmos para uma aplicação prática desse legado. Não buscamos aqui realizar uma dissecação por completo do objeto geográfico, mas, sim, enfocar alguns de seus atributos que norteiam os passos da nossa pesquisa.

Do que é feito o espaço geográfico?

Segundo Santos (2008), a compreensão da totalidade pertinente ao espaço surge quando elenca-se as suas partes constituintes: as firmas, as instituições, o meio ecológico, a infraestrutura e o próprio homem. Nada escapa ao espaço, nem mesmo o sujeito que lhe dá sentido. Se às firmas cabe a função de prover o espaço de bens, serviços e ideias, as instituições cumprem o papel de materializá-lo, ordená-lo e, até legitimá-lo. O meio ecológico representa os chamados complexos territoriais; é nele que situa-se o substrato em que se realiza o trabalho humano. As infraestruturas, por sua

vez, correspondem à materialidade do esforço humano (trabalho) devidamente geograficizada, sintetiza Santos (2008, p. 16-17).

Para este autor, não há que se pensar tais elementos isoladamente; eles coexistem e desenvolvem interações permanentes entre si, porém cada um recebe um valor específico para cada lugar. É esse intercâmbio com valores distintos entre os elementos formadores do conjunto que nos fará compreender as dinâmicas de cada lugar. Santos (2008, p. 21) nos ensina que, na verdade, o lugar é o resultado do emprego de um conjunto de técnicas que, por terem isoladamente um tempo que lhes é particular, acabam por produzir lugares únicos.

Milton Santos elege quatro categorias de análise que atuam como alicerces do método geográfico proposto por ele e que está assentado no espaço. Para Santos (2008) esse quarteto composto por forma, função, estrutura e processo acaba por sedimentar o conceito de espaço geográfico atribuindo-lhe uma dimensão de estrutura da sociedade, tal qual a estrutura política, a estrutura econômica e a estrutura cultural-ideológica.

Assim, Santos (2008) visualiza no componente representado pela forma como se dá a disposição dos objetos espacialmente; é, portanto, o ordenamento visível das coisas. Já a ideia de função recobre a noção de tarefa que se espera de algo ou alguém, seja uma instituição, pessoa, coisa ou forma em si. Quanto à estrutura, ela corresponde à interação entre as partes ou à maneira como elas são construídas ou organizadas. Sobre o processo, temos que ele envolve um contínuo movimento em busca de um objetivo. Santos (2008, p. 71) chama a atenção para explicar que o nosso olhar sobre a estrutura, o processo, a função e a forma deve ser holístico, haja vista que é pela indissociabilidade entre eles que percebemos o que, de fato, é o espaço geográfico.

A técnica como um instituto do espaço miltoniano

Muito já dissemos presentemente sobre o espaço pensado por Milton Santos, contudo ainda não foi o bastante; o mesmo segue incompleto. O espaço miltoniano apresenta-se multifacetado; é revestido de nuances que precisam ser reveladas para que seja compreendido, algo não tão simples de se alcançar em poucas palavras.

Existe uma força motriz que impulsiona o espaço a um incessante movimento: a técnica. “Técnicas agrícolas, industriais, comerciais, culturais, políticas, da difusão da informação, dos transportes, das comunicações, da distribuição etc.; técnicas que, aparentes ou não em uma paisagem, são, todavia, um dos dados explicativos do espaço” (Santos, 2013a, p. 57). Com a técnica o espaço está em constante mudança, se renovando a cada instante. Ela é entendida pelo autor como sendo “um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço” (Santos, 2004a, p. 29).

Galimberti (2006), convencido de que vivemos na idade da técnica, paradoxalmente noticia que nós – seres humanos – ainda não nos despimos do homem pré-tecnológico, isso porque continuamos a depositar na técnica a expectativa por respostas as quais não cabem a ela oferecer. Galimberti (2006, p. 8) justifica que “a técnica, de fato, não tende a um objetivo, não promove um sentido, não abre cenários de salvação, não redime, não desvenda a verdade: a técnica funciona”. À primeira vista, parece que Santos e Galimberti divergem diametralmente em relação à técnica, mas essa impressão se desfaz diante do que diz Galimberti (2006, p. 8): “a técnica não é neutra, porque cria um mundo com determinadas características com as quais não podemos deixar de conviver e, vivendo com elas, contrair hábitos que nos transformam obrigatoriamente”.

Com base na leitura da obra miltoniana *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, Moreira (2014, p. 99) explica que “a técnica surge

da necessidade do homem de converter o meio natural em meios e modos de vida, a técnica vindo da experiência que essa relação acumula, a ela voltando como mediação". Contudo, o mesmo diz que há um olhar distorcido em relação à técnica, vista normalmente como "ente externo à relação homem-meio, não como uma relação interna que se faz exterioridade" (Ibidem, p. 99). Galimberti (2006) realiza uma imersão um tanto mais profunda e deduz que dada à insuficiência biológica humana perante outros animais, a técnica age como um antídoto a essas deficiências. Diz ele:

De fato, diferentemente do animal, que vive no mundo estabilizado pelo instinto, o homem, pela carência da sua dotação instintiva, só pode viver graças à sua ação, que logo se encaminha para aqueles procedimentos técnicos que recortam, no enigma do mundo, um mundo para o homem. A antecipação, a idealização, a projeção, a liberdade de movimento e de ação, em suma, a história como sucessão de autocriações tem na carência biológica a sua raiz, e no agir técnico a sua expressão (Galimberti, 2006, p. 9).

A atuação da técnica se dá em duas frentes. Em uma delas temos "a ocupação do solo pelas infraestruturas das técnicas modernas [...] e, em outra, as transformações generalizadas impostas pelo uso da máquina e pela execução dos novos métodos de produção e de existência" (Santos, 2004a, p.29). Se considerada em sua amplitude, como defende Sorre, a técnica explica a totalidade sob o viés miltoniano, de modo que uma análise geográfica deve sempre levar em consideração as múltiplas técnicas presentes no nosso dia-a-dia, desde aquelas voltadas à produção e à circulação, passando pelas empregadas na conquista do espaço e, claro, as técnicas utilizadas na própria vida social, ou seja, nas interações do cotidiano (Ibid, p. 35). A tese da totalidade explicada pelo fenômeno técnico ganha reforço, pois "só o fenômeno técnico na sua total abrangência permite alcançar a noção de espaço geográfico" (Ibid, p. 37) e isso inclui considerar as técnicas da própria ação, (Ibid, p. 37).

Para operacionalizar o uso da técnica como proposto anteriormente, Santos (2004a) indica que devemos interpretá-la como um meio, bem como esclarece que entre os objetos técnicos também devem estar inseridos os objetos naturais, aludindo a uma prática utilitarista do homem. Todavia, menciona ele, “em nenhum caso a difusão dos objetos técnicos se dá uniformemente ou de modo homogêneo. Essa heterogeneidade vem da maneira como eles se inserem desigualmente na história e no território, no tempo e no espaço” (Ibid, p. 39). O resultado disso é que, na visão deste geógrafo, o objeto técnico concreto acaba por ser mais perfeito que a própria natureza.

Santos (2004a) advoga em prol da inseparabilidade das noções de técnica e de meio, sendo elas, portanto, conectadas entre si. Ao mesmo tempo, ele também afirma que “cada novo objeto é apropriado de um modo específico pelo espaço preexistente” (Ibid, p. 40). Ele ainda avalia que:

[...] o espaço é formado de objetos, mas não são os objetos que determinam os objetos. É o espaço que determina os objetos: o espaço visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados (acionados) segundo uma lógica. Essa lógica da instalação das coisas e da realização das ações se confunde com a lógica da história, à qual o espaço assegura a continuidade" (Ibid, p. 40).

Milton Santos nos faz lembrar que as técnicas se propagam desigualmente e que “a forma como se combinam sistemas técnicos de diferentes idades vai ter uma consequência sob as formas de vida possíveis naquela área” (Ibid, p. 42). Esses novos sistemas técnicos passam a coexistir com heranças de sistemas pretéritos. A essas formas antigas o autor chama de rugosidades, constituídas não apenas por heranças físico-territoriais, mas, também, por heranças socioterritoriais ou sociogeográficas do modelo técnico superado, assinala Santos (2004a, p. 43). Vale ressaltar, entretanto, que a incorporação de novas técnicas nunca se efetivou totalmente, inviabilizando a imposição de uma homogeneização direcionada ao esforço

de “fundar o domínio do mundo na associação entre grandes organizações e uma tecnologia cegamente utilizada” (*Ibidem*, p. 45).

Para esse geógrafo há uma preocupação em refletir acerca do quão a figura do espaço contribui para a compreensão do fenômeno técnico e, na mesma medida, em avaliar os impactos da técnica sobre o espaço. Neste sentido, leva-se em conta não apenas a constituição deste como as suas transformações. Ele enxerga claramente a importância da técnica como vetor de explicação da sociedade e dos lugares, entretanto a técnica pela técnica, não detém capacidade alguma de explicação da realidade.

Tempo e espaço são inatos à técnica e, por tal condição, técnica é cumulativamente geografia e história; é o que depreende-se das palavras de Milton Santos (2004a, p. 47-48). Por tal raciocínio, “a geografia deve, ao menos, ser vista como um estudo de caso para as filosofias da técnica, senão propriamente como uma contribuição específica para a produção de uma filosofia das técnicas” (*Ibid*, p. 49).

Aludindo um pouco mais sobre o espaço, em particular, o geógrafo brasileiro diz que este é dotado de uma materialidade da qual emanam uma concretude e uma empiricidade e defende que além do espaço, o tempo e o mundo são igualmente conversíveis dentro de uma perspectiva epistemológica totalizadora. Se a capacidade de transformação tem sua origem imanente na sociedade, os processos de mudança invariavelmente se dão sob uma base material: o espaço e seu respectivo uso; o tempo e seu igual uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas múltiplas feições. Não por acaso, é por meio das técnicas que o homem, ao colocá-las em prática realizando trabalho, concretiza a união entre espaço e tempo, conclui Santos (2004a, p. 54).

Ao caracterizar as técnicas, Santos diz que elas “são datadas e incluem o tempo, qualitativamente e quantitativamente. As técnicas são uma medida do tempo: o tempo do processo de trabalho, o tempo da circulação, o tempo da divisão territorial do trabalho e o tempo da cooperação” (*Ibid*, p. 54). Com

Geografia: Publicações Avulsas. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v.5, n. 2, p. 81-102
jul./dez. 2023.

relação ao espaço, ele o vê constituído de objetos técnicos. “O espaço do trabalho contém técnicas que nele permanecem como autorizações para fazer isto ou aquilo, desta ou daquela forma, neste ou naquele ritmo, segundo esta ou outra sucessão. Tudo isso é tempo” (Ibidem, p. 55). Milton Santos reflete que é por intermédio da técnica que tempo e espaço ganham equivalência entre si e que “ela poderia, [...], ser essa busca da referência comum, esse elemento unitário de assegurar a “equivalência” tempo-espacó” (Santos, 2004a, p. 55), daí a importância da técnica para a geografia e para a história.

Santos (2004a, p. 56) acrescenta que pela via do processo produtivo, ou seja, pelo trabalho, “o “espaço” torna o “tempo” concreto”. Por essa razão, voltamos a dizer, que cada lugar é único, sendo ele um “conjunto de técnicas e de instrumentos de trabalho, resultado de uma combinação específica que também é historicamente determinada” (Ibid, p. 56). De outro modo, também é verdade que “a técnica constitui um elemento de explicação da sociedade, e de cada um dos seus lugares geográficos” (Santos, 2013a, p. 57).

Na visão de Santos (2004a, p. 57), é possível determinar a idade de um lugar. Em um primeiro instante porque “a materialidade artificial pode ser datada, exatamente, por intermédio das técnicas: as técnicas de produção, do transporte, da comunicação, do dinheiro, do controle, da política e, também, da sociabilidade e da subjetividade. As técnicas são um fenômeno histórico”. Um segundo aspecto que não pode ser negligenciado é o de que com “o processo iniciado com o capitalismo e hoje plenamente afirmado com a globalização, permite falar em uma idade universal das técnicas, idade que pode ser contada a partir do momento em que surgem (cada uma dessas técnicas)” (Ibidem, p. 57). Mas há ainda uma “idade propriamente histórica, a data em que, na história concreta, essa técnica se incorpora à vida de uma sociedade” (Ibid, p. 57). Isto posto, “a história universal seria, sobretudo, uma história absoluta das técnicas” (Ibid, p. 58).

Para Santos, “são todas essas técnicas, incluindo as técnicas da vida, que nos dão a estrutura de um lugar” (*Ibid*, p. 58). Certamente elas exercem grande papel na transformação dos lugares, mas, no final das contas, são eles — os lugares — que redefinem as técnicas. Deve mais uma vez ficar claro que “cada objeto ou ação que se instala se insere num tecido preexistente e seu valor real é encontrado no funcionamento concreto do conjunto. Sua presença também modifica os valores preexistentes” (*Ibidem*, p. 59).

Por todas as considerações ora elencadas, assinalamos que inexiste lugar sem técnica, pois é da essência do primeiro a ocorrência da segunda enquanto fenômeno que ela representa. Reduzida a si própria, dissociada do lugar, a técnica não vincula significado tanto para a história como para geografia em seus respectivos estudos. Para tais estudos ela deve ser sempre contextualizada temporalmente e espacialmente.

Os pares dialéticos consistem em um recurso largamente utilizado nas obras miltonianas para fundamentar as explicações do autor acerca dos fenômenos aos quais ele se dedica a estudar. Como já visto, para Santos (2004) a técnica exerce papel fundamental na simbiose entre espaço e tempo, de modo a se constituir no elo de união da dimensão temporal com a dimensão espacial.

É dessa comunhão entre as duas categorias analíticas acima citadas que Santos (2004a, p. 234) propõe a periodização como instrumento de análise do espaço geográfico. Segundo ele, a periodização nos possibilita enxergar a dimensão de onde viemos, de onde estamos, para onde estamos indo e para onde poderíamos chegar. Galimberti (2006, p. 12) aponta que “a técnica se transforma de meio em fim, não porque a técnica se proponha a algo, mas porque todos os objetivos e fins que os homens se propõem não podem ser atingidos, a não ser pela mediação da técnica”. De forma congruente, o geógrafo Milton Santos afiança a técnica como o instrumento capaz de promover as transformações espaciais e a partir disso afirma que a produção do meio geográfico conheceu até aqui três distintas fases.

A primeira delas é a do meio natural, em que o homem limitava-se à agricultura e à domesticação de animais sem a utilização de objetos técnicos. Conforme Santos (2004a, p.236-238), o segundo meio foi o técnico e assinalou o período homônimo, marcado pelo uso de máquinas no campo e pela presença de espaços artificiais concorrendo com os espaços naturais na paisagem. O meio técnico-científico-informacional, para Santos (2004, p. 238-241), precipitou o período de igual nome nos anos 1970. Com ele as novas relações capitalistas passaram a exigir maior fluidez de capital e informações, assim como espaços especializados para atender as dinâmicas do mercado global.

Verificamos, dessa maneira, que o meio técnico-científico-informacional, ao qual o autor se reporta, impôs a subordinação da natureza à vontade humana a partir da mediação da ciência, fonte do desenvolvimento das normas e múltiplas tecnologias. A perda da autonomia da própria ciência também é um fato incontestável e sua desejável neutralidade jamais existiu, haja vista a sua participação enquanto peça fundamental nessa complexa engrenagem.

A psico-tecnoesfera: uma síntese do espaço geográfico

A densidade técnica é uma marca precípua do meio técnico-científico-informacional, esse estágio de domínio do artificial sobre o natural e no qual se multiplicam as próteses substitutas ou modeladoras de objetos naturais. Se as técnicas se incrustam no espaço geográfico, conformando as mais variadas paisagens, isso faz dele – o espaço geográfico – o objeto de conhecimento mais adequado para o nosso presente.

Para Milton Santos (2013a, p. 30), a compreensão acerca do meio técnico-científico-informacional e do próprio espaço geográfico somente se consolida a partir do entendimento do que vem a ser tecnosfera e psicosfera. Sobre a primeira, ela refere-se à dimensão da natureza artificializada pelo uso das técnicas, seja no campo ou na cidade. A segunda antecede à primeira,

Geografia: Publicações Avulsas. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v.5, n. 2, p. 81-102 jul./dez. 2023.

pois ela é o produto da interação do homem com a natureza e do homem consigo mesmo; daí o porquê da tentativa de se aglutinar psicosfera e tecnoesfera em uma só palavra.

Quem também desvenda a tecnosfera, ainda que não a nomeie de tal modo, é Galimberti (2006). De acordo com o filósofo e psicanalista italiano, ora testemunhamos um redimensionamento na relação entre o homem e a técnica tendo em vista que:

[...] a técnica, de instrumento nas mãos do homem para dominar a natureza, se torna o ambiente do homem, aquilo que o rodeia e o constitui, segundo as regras daquela racionalidade que, seguindo os critérios da funcionalidade e da eficiência, não hesita em subordinar às exigências do aparato técnico as próprias demandas do homem (Ibid, p. 11).

Esse neologismo constituído pela junção de psicosfera e tecnosfera e que não tem nada de desprevensoso surge com a clara função de amalgamar o que já foi dito por Milton Santos e por Samira Kahil acerca dessas duas esferas tecidas pelas mentes e mãos humanas e que nos colocam em contato com a fisiologia do espaço geográfico. A propósito, Kahil (2021, p. 21) destaca que a psicosfera “não é isolada e acha-se entrelaçada à esfera técnica do território e, portanto, a um momento nodal histórico e, sem nenhum romantismo da nossa parte, poderíamos dizer, – é o espírito de uma época (*Zeitgeist*)”. Igualmente ela trata da esfera técnica, não podendo esta ser dissociada da esfera psíquica. Essa ideia fica explícita quando a autora discorre acerca dos objetos. Diz ela:

Os objetos (naturais ou artificiais) têm realidade per se ou autonomia de existência, devida (sic) à sua constituição material ou sua realidade corpórea, mas não tem autonomia de significação, não fosse sua existência relacional (quer consideremos relações entre coisas, ou seja, sistema de objetos, quer consideremos a relação entre sujeito-objeto) (Kahil, 2021, p. 21).

Para Kahil (1997, p. 217), a racionalidade que há por trás das ações instrumentais também dita a psicosfera. Em outros termos, a geógrafa sustenta algo que parece ser óbvio, mas que consideramos sempre válido frisar: a racionalidade que move os sistemas econômicos e políticos é a mesma que detém a força de se impor no mundo vivido, ou seja, no cotidiano das pessoas, de modo que “hoje, nos encontramos no momento auge dessa tragédia que transformou a razão esclarecedora em razão instrumental” (Ibid, p. 23). Kahil (1997) não se deixa levar pela crença de que o domínio da técnica sobre o homem conduzirá ao que ela denomina de “perfeição ontológica do ser humano”. A técnica opera sob outras perspectivas:

O homem moderno vive nesse mundo instrumentalizado, onde suas relações com os outros são medidas pelas coisas. A condição social dos indivíduos, seu padrão de vida, a satisfação de seus desejos, sua liberdade e seu poder são inteiramente determinados por um novo sistema de valores: aqueles que precedem da racionalidade técnica – a performance, o funcional, o operatório; enquanto outros são reflexos ideológicos do mercado – rentabilidade, flexibilidade, mobilidade (Ibid, p. 58).

Nos tempos atuais fica claro que a técnica se impõe incisivamente e altera sobremaneira os cenários históricos edificados ao longo dos últimos dois milênios. Segundo Galimberti (2006), na presente tecnosfera o homem foi reduzido a um mero funcionário de uma técnica emancipada enquanto a natureza, uma vez vencida, não serve para nada mais que pano de fundo de uma apoteose da técnica. Exemplos dessa realidade são a razão, convertida em operações lógicas economicistas voltadas aos interesses dos agentes hegemônicos do capital; a verdade, parametrizada pela validação da eficácia; as ideologias, fragilizadas se comparadas ao potente senso autocorretivo da técnica quando esta sevê diante de seus erros; a política, rebaixada à posição de gerenciamento técnico; a ética, destituída do seu poder de direcionar os fins almejados pela humanidade e levada ao puro exercício de opinar sobre possibilidades tão somente artificiais, excluindo-se

desse leque aquelas de ordem natural, como até outrora se podia escolher; a natureza, extirpada das preocupações da ética, que, agora, conduzida pela técnica, somente se ocupa da relação homem-homem; a religião, não mais dotada da capacidade de ofertar um fim último em que a esperança pela salvação e a verdade pautada nos desígnios divinos sejam um conforto ao que esperam na espiritualidade as respostas aos seus anseios; e a história, órfã de uma trama de sentido para além da técnica pela técnica que faça do tempo algo comprehensível, irrompendo-se, assim, a morte da própria história.

É Galimberti (2006) que argumenta ainda que o poder da técnica acaba por provocar uma revisão das categorias humanistas elencadas por ele. Indivíduo, identidade, liberdade, cultura de massa, meios de comunicação e até a psique humana foram forçadamente ressignificados. Na tecno-psicosfera o indivíduo já não existe mais como tal, pois:

[...] morre aquele sujeito que, a partir da consciência da própria individualidade, pensa-se autônomo, independente, livre, até os limites da liberdade alheia e, por efeito desse reconhecimento, igual aos demais. Em outras palavras, não morre o indivíduo empírico, o átomo social, mas o sistema de valores que, a partir dessa singularidade, decidiu a nossa história (Galimberti, 2006, p. 19).

Esse ambiente hostil ao indivíduo e que deflagrou a sua extinção reverbera na concepção de identidade. Galimberti (2006, p. 19) observa que se:

[...] na idade pré-tecnológica era possível reconhecer a identidade de um indivíduo pelas suas ações, porque estas eram lidas como manifestações da sua alma, entendida como sujeito que decide, hoje as ações do indivíduo não são mais lidas como expressões da sua identidade, mas como possibilidades calculadas pelo aparato técnico, que não só as prevê, mas até mesmo prescreve a forma da sua execução (Ibid, p. 19).

Quanto à liberdade, esta continua a existir, mas mostra-se enviesada. Isso acontece porque, nas palavras de Galimberti (2006, p. 20):

Geografia: Publicações Avulsas. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v.5, n. 2, p. 81-102 jul./dez. 2023.

[...] privados de uma experiência de ação comum, que é cada vez mais prerrogativa exclusiva da técnica, os indivíduos reagem ao senso de impotência que experimentam dobrando-se sobre si mesmos e, na impossibilidade de reconhecer-se comunitariamente, terminam por considerar a própria sociedade em termos puramente instrumentais.

Já em relação à cultura de massa, o autor ressalta o embaralhado criado pela técnica e que hoje confunde a esfera pública da privada. Perdemos a noção do que pertence à dimensão interna de nossas vidas e daquilo que é parte da dimensão externa ou pública. Galimberti (2006, p. 20-21) explica que:

A desarticulação entre “público” e “privado”, entre “social” e “individual”, operada pela racionalidade técnica, modifica também o conceito tradicional de “massa”, introduzindo uma variante que é a sua atomização e desarticulação em singularidades individuais que, modeladas por produtos de massa, tornam obsoleto o conceito de massa como concentração de muitos, e atual o de massificação como qualidade de milhões de indivíduos, cada um dos quais produz, consome e recebe as mesmas coisas de todos, mas de modo solitário. Assim, é atribuída a cada um a própria massificação, mas com a ilusão da privacidade e o aparente reconhecimento da própria individualidade, de modo que ninguém esteja mais em condição de perceber um “externo” em relação a um “interno”, porque o que cada um encontra em público é exatamente igual àquilo de que dispõe privatamente. Nascem daí esses processos de desindividualização e desprivatização que estão na base das condutas de massa típicas das sociedades ratificadoras e conformistas.

Na idade das técnicas, assinalada por Umberto Galimberti, o longínquo se torna próximo, aquilo que estava ausente não mais está, e o que parecia disponível já não o é mais também. Tudo isso é resultado da representação midiática própria dos meios de comunicação dessa etapa da trajetória humana na Terra. Nessa fase:

[...] é abolida a diferença específica entre as experiências pessoais do mundo que estão na base de qualquer necessidade comunicativa. Com essa recorrência, de fato, os (sic) milhões de vozes e as mil imagens que envolvem a

atmosfera abolem progressivamente as diferenças que ainda existem entre os homens e, aperfeiçoando a sua homologação, tornam supérfluo, se não impossível, falar “na primeira pessoa”. Neste ponto, os meios de comunicação não parecem mais simples “meios” à disposição do homem, porque, ao intervir sobre a modalidade de fazer experiência, modificam o homem independentemente do uso que este faz deles e dos objetivos que se propõe quando os emprega (*Ibid*, p. 21).

Por fim, no rol das categorias humanistas relacionadas por Galimberti (2006), temos a psique, exclusivamente humana. Se antes a elaboração da ideia de mundo dependia das experiências sensoriais particulares de qualquer ser humano, atualmente essa premissa converte-se, a todo instante, em algo um tanto mais inválido, pois “a alma de cada um se torna co-extensiva do mundo”, afirma Galimberti (2006, p. 21). Não se consegue mais distinguir interioridade de exterioridade, profundidade de superfície e atividade de passividade, haja vista que:

[...] a alma é progressivamente despsicologizada e se torna incapaz de compreender o que verdadeiramente significa viver na idade da técnica, em que o que se pede é uma potencialização das faculdades intelectuais sobre as emotivas, para poder estar à altura da cultura objetivada nas coisas que a técnica exige, em detrimento e à custa daquela subjetiva dos indivíduos (*Ibid*, p. 22).

Por tudo aquilo que já foi considerado tanto por Milton Santos como por Umberto Galimberti, é impossível dissociar a psicosfera da tecnosfera. Portanto, não há como falar em agir sem correlacionar ao pensar; a ação reclama, antes de tudo, por uma intenção e ambas são complementares entre si. Todavia, entre os citados autores, que demonstram profundas convergências acerca do domínio da técnica e de sua forte influência na sociedade atual, identificamos duas importantes divergências.

Uma delas se ancora no fato de que em função da inversão de valores entre o homem e a técnica, Galimberti vê nesta última um fim último, como se tudo tivesse como destino final o aperfeiçoamento técnico por si somente, a ponto dele, inclusive, subordinar o homem aos seus mandos e desmandos.

Geografia: Publicações Avulsas. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v.5, n. 2, p. 81-102 jul./dez. 2023.

Milton Santos, ao contrário, acredita ser a técnica um agente da mediação entre o homem e a natureza, não importando se se trata de uma primeira ou segunda natureza.

A outra diferença é, na verdade, uma consequência da anterior. Galimberti traz uma dimensão de consciência em relação ao que ele chama de idade da técnica, no entanto, não estabelece rumos que se contraponham à presente realidade e que se comprometam com mudanças emancipatórias da humanidade diante da tirania da técnica. Ele apenas assume um discurso apocalíptico ao não deixar margem para que o homem subverte a ordem imposta pela técnica, algo que fica explícito quando declara:

Essa ampliação psíquica, longe de ser suficiente para dominar a técnica, evita pelo menos que a técnica aconteça sem que o homem o saiba e, de condição essencial para a existência humana, se traduza em causa da sua extinção. Com isso não pensamos ainda na supressão "física" do homem, mas na supressão da sua cultura, da sua moral, da sua história. De fato, é preciso evitar que a idade da técnica marque esse ponto absolutamente novo na história, e talvez irreversível, onde a pergunta não é mais: "O que nós podemos fazer com a técnica?", mas: "O que a técnica pode fazer conosco?" (Ibid, p. 58).

Diferentemente de Galimberti, o geógrafo brasileiro Milton Santos vislumbra alternativas para o rumo da história. Primeiro ele diz:

Devemos nos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano, de um espaço que possa unir os homens para e por seu trabalho, mas não para em seguida dividi-los em classes, em exploradores e explorados; um espaço matéria-inerte que seja trabalhada pelo homem mas não se volte contra ele; um espaço Natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um fetiche; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem fetichizado (Santos, 2004c, p. 41).

Na sequência, Santos (2001) pontua que a humanidade já ingressou na fase de transição entre o período tecnológico da história e o período popular

da história. Milton Santos não enxerga a técnica como empecilho, mas as ações humanas que se moldam a partir dela são, sem dúvida, o motor desse sistema que corrói a humanidade. A racionalidade hegemônica, inerente aos dotados de poder decisório, é o que impede que no seio dessa globalização haja espaço para a criatividade, a espontaneidade e a variedade, o que somente se mostra viável nos espaços de contra-racionalidade, onde habitam os excluídos da globalização. É neles que eclodem movimentos criativos, especialmente na dimensão cultural.

Santos (2001) defende também que a mudança em curso tem sua origem na periferia. Segundo ele, é a resistência a esse processo hegemônico que nos levará à superação do *status quo* e, no momento, quem realiza essa tarefa é a parcela pobre da sociedade. Para sobreviver nesse mundo o pobre precisa se reinventar a cada dia, o que o conduz à busca por soluções criativas. Os rumos estão traçados e o que resta é trabalharmos em prol do florescimento do inconformismo que já está semeado, mas sempre tendo em mente que essas transformações não ocorrerão de maneira articulada e sincronizada.

Já há evidência de uma ruptura do que Santos (2001) denomina de globalitarismo, uma alusão ao império da globalização materializada pelos efeitos incessantes da técnica em nossas vidas. Para Santos (2001), será um retorno do homem à posição de centro a partir de uma divisão do trabalho com base na solidariedade, algo tangível quando as relações horizontais prevaleceram sobre as de cunho vertical. Conforme o autor, são as condições materiais e imateriais da pobreza das pessoas e das nações que forçarão uma reorientação do percurso até aqui traçado. Ele diz, com isso, que esse mundo novo se conformará pelas mãos daqueles que encontram-se nos estratos inferiores da sociedade global, quando, então, estiverem concluídas a mutação tecnológica, assentada na docilidade, flexibilidade, adaptabilidade e na divisibilidade, e a mutação filosófica, que terá ressignificado a existência do próprio homem e do planeta.

Acabamos de transitar pelo pessimismo e pelo conformismo de Umberto Galimberti, assim como encontramos em Milton Santos o inconformismo com a realidade ora vivida e a esperança depositada no homem em si, o agente capaz de alterar a sua história e a do mundo como um todo. Se não acreditarmos na habilidade humana de se reinventar coletivamente em benefício de todos, o que estariamos nós fazendo aqui? Superamos o determinismo ambiental ou determinismo geográfico e eis que agora cairemos na armadilha do determinismo técnico?

Coadunamos com Kahil (1997, p. 219) quando ela sugere que “uma análise do espaço social via esfera técnica e psicosfera abre perspectivas para uma nova dialética da reciprocidade”. São essas relações que acabam por forjar tanto espaços mundiais como lugares únicos, pois é o homem que a todo instante segue modificando o espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço é notoriamente o alicerce da geografia e consiste num dever do geógrafo fazer desse objeto de conhecimento o seu instrumento de investigação da realidade. O geógrafo Milton Santos estabeleceu uma verdadeira ontologia do espaço e não deixa dúvidas quanto ao fato dele ser um produto da relação entre o homem e a natureza, seja esta natural ou já devidamente alterada pela ação do próprio homem.

Entre o homem e a natureza jamais existiria qualquer alteração se entre eles não estivesse um elo: a técnica. É por meio dela que o espaço se produz e reproduz e Milton Santos trouxe o devido reconhecimento da técnica, sobretudo ao destacar a importância dela como meio para a diferenciação espacial e social. O geógrafo brasileiro não deixa escapar a relação presente que envolve as desigualdades espaciais e sociais como decorrência da aplicação da técnica no território de maneira também desigual.

O filósofo italiano Umberto Galimberti, assim como o faz Milton Santos, reflete sobre esse mundo atual e desigual sob a égide da técnica, mas eles destoam no que se avizinha no horizonte próximo. Galimberti parece não vislumbrar alternativas para um homem acorrentado à técnica, mas Santos entende que nós, seres humanos, continuamos no controle e o que nos falta, na verdade, é assumirmos uma postura subversiva relativa ao *status quo*.

REFERÊNCIAS

- GALIMBERTI, U. **Psiche e Techne**: o homem na idade da técnica. Tradução: José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006.
- KAHIL, S. P. Psicoesfera: a modernidade perversa. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, n. 11, 1997.
- KAHIL, S. P. Psicoesfera: uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo. In: KAHIL, S. P. et al. (org.). **O tamanho do Brasil**: território de quem? São Paulo: Editora Max Limona, 2021.
- MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro**: as matrizes brasileiras, 1. ed., 1. reimpr., São Paulo: Contexto 2014, v. 3.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal, 6. ed., Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção, 4. ed., São Paulo: Edusp, 2004a.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica, 6. ed., São Paulo: Edusp, 2004b.
- SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**, 5. ed., São Paulo: Edusp2004c.
- SANTOS, M. **Espaço e Método**. 5. ed., São Paulo: Edusp, 2008.
- SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional, 5. ed., São Paulo: Edusp, 2013.
- SARTRE, J. P. **Crítica da razão dialética**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.